

DISCÍPULAS E DISCÍPULOS
NOS CAMINHOS DA MISSÃO

CUIDAM

DO MEIO AMBIENTE

 **Angular**
editora

DISCÍPULAS E DISCÍPULOS
NOS CAMINHOS DA MISSÃO

QUIDAM

DO MEIO AMBIENTE

DISCÍPULAS E DISCÍPULOS NOS CAMINHOS DA MISSÃO
CUIDAM DO MEIO AMBIENTE

Colégio Episcopal

Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa – Presidente
Bispo José Carlos Peres – Vice-presidente
Bispa Marisa de Freitas Ferreira – Secretária
Bispo Paulo Rangel Santos Gonçalves
Bispo Roberto Alves de Souza
Bispo Adonias Pereira do Lago
Bispo João Carlos Lopes
Bispo Emanuel Adriano Siqueira da Silva
Bispa Hideide Aparecida Gomes de Brito Torres
Bispo Fábio Cosme da Silva

Secretária Executiva do Colégio Episcopal

Giselma de Souza Almeida Matos

Secretária Executiva para a Vida e Missão da Igreja

Joana D' Arc Meireles

Revisão

Paulo César de Oliveira

Foto de capa

Rodrigo de Britos

Diagramação e capa

NLopez Comunicação

Editor da Angular Editora

Emilio Fernandes Junior



www.angulareditora.com.br
contato@angulareditora.com.br
(11) 2813-8605

Angular Editora é um Departamento da Associação da Igreja Metodista,
CNPJ 33.749.946/0001-04, Inscrição Estadual 143.803.462.113.

Prefácio

O uso sustentável dos recursos naturais, bem como a preservação do meio ambiente, como forma de proteção à diversidade da fauna e da flora tem um componente bíblico-teológico que precisa ser considerado, na forma da mordomia cristã para com a Criação de Deus.

Nesse sentido, a Igreja Metodista tem, em suas raízes históricas, esta preocupação com a natureza, tendo como referência a mordomia cristã, que reconhece que a natureza revela as grandezas do Deus Criador, bem como conduz homens e mulheres no caminho da reconstrução da imagem divina presente em cada criatura, por meio da ação redentora de Jesus Cristo.

Assim, o CE oferece à Igreja Metodista, e à comunidade cristã, um documento para estudo, reflexão e aprofundamento de nosso compromisso para com o meio ambiente, reconhecendo que os sinais da presença do Reino de Deus já podem ser vislumbrados agora.

Quando sitiarem uma cidade por um longo período,
lutando contra ela para conquistá-la, não destruam as árvores
dessa cidade a golpes de machado, pois vocês poderão comer as
suas frutas. Não as derrubem. Por acaso as árvores são gente,
para que vocês as sitiem? (Deuteronômio 20.19)

CAPÍTULO 1

Discípulas e discipulos nos caminhos da missão cuidam do meio ambiente

O Plano Nacional Missionário (2017-2021) estabelece como sua ênfase de número cinco: “Implementar ações que envolvam a Igreja no cuidado e preservação do Meio Ambiente”. Como parte do desenvolvimento deste tópico, o ano de 2019 será dedicado a refletir sobre o tema: “Discípulas e discipulos nos caminhos da missão cuidam do meio ambiente”. A perspectiva é gerar um espaço vital no qual a Igreja pense, aja e se conscientize cada vez mais do papel da mordomia cristã como cuidado com as coisas criadas por Deus e com a preservação do planeta como um todo. Já no Plano para a Vida e Missão da Igreja Metodista se ensinava que era preciso “apoiar, incentivar e participar de iniciativas em defesa da preservação do meio ambiente”.

A presente pastoral visa a ser uma reflexão despertadora para o tema. Apresentamos aqui alguns apontamentos bíblicos de como o povo de Deus via a questão dentro da realidade vétero e neotestamentária.

Também resgatamos algumas perspectivas teológicas de João Wesley sobre o tema, considerando sua realidade na Inglaterra, quando a Revolução Industrial dava seus primeiros e vigorosos passos, já afetando a relação entre as pessoas e a natureza, provocando o êxodo rural e iniciando os processos de poluição na produção de diversos itens em larga escala. Nos anos seguintes, veremos a criação e desenvolvimento das ferrovias e, mais tarde, dos automóveis, mudando não apenas a produção, mas a forma de escoamento desta. Os metodistas vivenciaram em primeira mão vários desses fenômenos naquele século.

Por fim, apresentamos alguns pontos na contemporaneidade que nos chamam atenção. Refletimos as implicações do meio ambiente com o discipulado cristão e o chamado de Cristo a sermos mordomos da criação, enquanto aguardamos o novo céu e a nova terra. Ao concluir a pastoral, propomos algumas formas práticas de atuação a partir de nossas igrejas locais e convidamos vocês na amplificação da divulgação dessas iniciativas, promovendo uma mentalidade cristã servidora acerca das questões ambientais.

NOSSA RELAÇÃO COM A NATUREZA: INDUSTRIALIZAÇÃO E URBANIZAÇÃO

O ser humano foi criado em uma relação direta com a natureza. Os primeiros povos eram coletores de alimentos e caçadores. Eles precisavam conhecer seu ambiente e nele buscar formas de sustento, proteção e sobrevivência. De muitas formas, isso levava a um respeito maior pelos biosistemas, pois havia uma percepção direta da dependência do ser humano para com o mundo natural.

Porém, os processos de urbanização tiraram do ser humano, ao longo dos anos, o contato mais direto com a natureza; e o distanciamento afeta nossa percepção de como o ecossistema é importante para o ser humano. Não apenas por dela provir nosso

alimento, nossa respiração e a origem da nossa vida, mas também do ponto de vista da saúde emocional e espiritual. Para muitos casos de estresse, ansiedade e doenças psicossomáticas, o contato com a natureza é um remédio eficaz, frequentemente receitado, porém pouco utilizado.

E esse distanciamento igualmente nos blinda, enquanto indivíduos, para perceber os problemas graves existentes nas políticas econômicas mundiais e sua relação com a crise ambiental. Tendemos a perder de vista que a exploração social estende seus tentáculos para a natureza. Quando há pobreza, fome, miséria e exploração das pessoas, pode-se observar que também o sistema ecológico está oprimido e em destruição. O Credo Social da nossa Igreja estabelece: “O ser humano tem o dever de administrar a terra e seus recursos, que Deus lhe confiou, segundo os critérios do Senhor. Um dos caminhos para a efetiva atuação na transformação da sociedade é a participação na elaboração de políticas públicas justas” (Credo Social). No Brasil, a luta pela demarcação das terras indígenas e quilombolas, o incentivo à agricultura orgânica e familiar, a diminuição do uso de agrotóxicos e incentivo à pesquisa sobre os transgênicos estão entre os desafios mais prementes para a justiça de tais políticas.

Algumas das mais ricas nações do mundo vivenciam problemas exatamente por sua realidade ambiental. De fato, a riqueza de uma nação pode significar a pobreza do seu povo. Moradores de rua, povos autóctones retirados de seus locais de ancestralidade, incêndios devastadores em função da construção de moradias em áreas de preservação, falta de recursos naturais primários como a água pela desertificação das cidades, migrações sem controle são apenas algumas das consequências que tais nações experimentam pela falta de políticas ambientais consistentes e em diálogo com os demais países do globo terrestre. Preservação ambiental não é apenas uma questão de soberania nacional – as decisões de um país impactam na totalidade do globo terrestre para bem e para mal. Por isso, a premissa do diálogo é essencial.

Aliás, as cidades experimentam a dureza da destruição do meio ambiente. Racionamento de água diversas vezes ao ano. Secuidão e estio em certas épocas e inundações em outras, em função dos problemas com o escoamento das águas das chuvas. Precipitações pluviométricas. A incidência do calor, que aumenta devido ao uso de certos materiais reflexivos nas construções. Desrespeito às leis no tocante às matas ciliares. Construções desgovernadas no entorno das cidades, que acabam por ocupar morros e encostas com riscos de desabamento. A poluição dos carros e das empresas que afeta a qualidade do ar. Para amenizar tais realidades, muitos projetos de ONGs trabalham tentando inovar nos conceitos de arquitetura e urbanismo, procurando incluir o verde em jardins e hortas, bem como implementando ações educativas sobre a água, uso consciente de veículos, consumo consciente, etc., com grande impacto em algumas realidades locais. Tais ações devem ser estudadas e estimuladas por cada metodista.

Segundo as ONGs de preservação ambiental, somente nos últimos 20 anos, mais de dez espécies entraram em extinção. O plástico nos oceanos é um problema de proporções grotescas e desastrosas para todo o mundo. O consumo de agrotóxicos ameaça a saúde humana e mata a biodiversidade. A emissão de gases afeta o clima. As ondas de calor e frio alteram as calotas polares em função da industrialização. São problemas de toda ordem, e todos eles encontram na atividade humana um ponto de convergência.

Para os cristãos e cristãs em particular, ao menos um problema de ordem teológica acabou afetando negativamente nossa percepção da natureza e do mundo. A pregação escatológica, da vinda de Cristo e do novo céu e da nova terra, roubou-nos, de algum modo, a percepção de uma necessidade de cuidar e preservar deste mundo agora. Erroneamente o tomamos por provisório e, por isso, dispensável. Resgatar o valor da mordomia cristã no sentido do cuidado da natureza tornou-se essencial para a sobrevivência desta e das próximas gerações.

Com tudo isso, quando a Igreja Metodista põe a preocupação ecológica entre suas ênfases missionárias, muitas questões surgem para nós. Em teo-

ria, é fácil dizer da importância deste tema. “O mundo é nossa paróquia” pode ter seu sentido muito mais amplificado do que a mera audiência para a proclamação do Evangelho. Mas, na prática, cada vez mais percebemos que a destruição do meio ambiente rouba-nos de nossa própria humanidade. Fome, calor, frio, seca, enchente... muitas das tragédias naturais encontram origens na forma depredatória com que tratamos nosso mundo. Isto é um grave pecado e precisamos nos arrepender profundamente.

Portanto, é importante situar a salvação do mundo no contexto da salvação da humanidade, pois, como nos alerta Paulo, “a criação aguarda ansiosamente a manifestação dos filhos de Deus. Pois a criação foi sujeita à vaidade [não voluntariamente, mas por vontade daquele que a sujeitou], todavia com a esperança de ser também ela libertada do cativeiro da corrupção, para participar da gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Pois sabemos que toda a criação geme e sofre como que dores de parto até o presente dia” (Romanos 8.19-22). Precisamos repensar nossa teologia para proporcionar oportunidades para um arrependimento profundo e de resultados notáveis em nossa realidade.

UMA TEOLOGIA ECOLÓGICA

João Wesley foi um sujeito preocupado com todos os tipos de assunto. Era um pastor interessado na medicina sem ser médico. Estudou todos os assuntos que lhe caíam às mãos. E foi um ecologista, de certo modo, antes mesmo do termo ecologia ser cunhado. Vivendo na efervescência da Revolução Industrial, ele já percebia o impacto da produção de bebida e da criação de animais no processo de produção de cevada, por exemplo. Em seus textos para falar da realidade econômica, ele faz muitas referências à conservação da natureza e de como a natureza nos comunica a realidade divina.

Obviamente, não era uma consciência ecológica definida e evoluída, pois os problemas eram bastante incipientes. Mas torna possível que muitos

pensadores e pensadoras metodistas na contemporaneidade redescubram este lastro e publiquem muitos textos trazendo o tema à tona. Segundo o professor José Carlos de Souza, Wesley “estava convencido de que é possível reconhecer a glória de Deus e, por analogia, alcançar algum discernimento de seus propósitos por intermédio da observação da dinâmica presente no universo” (SOUZA, 2003, p. 85).

A criação é um fundamento tão importante que o nosso quadrilátero wesleyano a coloca como uma das bases de interpretação da Bíblia. Com referências nos diversos textos em que a natureza é proclamadora dos feitos de Deus, a Bíblia nos leva ao deslumbramento. Deslumbrar-se com a criação é abrir o espaço para o sobrenatural de Deus, pelo reconhecimento de sua capacidade criativa. A natureza é geradora de assombro, encanto e maravilhamento por Deus. Ela é uma fonte de fé, pois a fé também possui uma dimensão de admirar este Deus, cujo poder gera céus, terra e biodiversidade tão imponentes!

Pensar nosso discipulado na perspectiva do meio ambiente faz-nos recordar a dimensão da *oikomene* – a casa comum. Esta casa da humanidade e de todos os animais e plantas é uma casa coletiva, na qual todos e todas nós temos responsabilidade. O povo bíblico sabia disso. O versículo que abre esta pastoral é um exemplo prático disso. As guerras por domínio humano não poderiam levar à depredação do meio ambiente. Aliás, o Pentateuco é cheio de regras que muita gente hoje interpreta como ritualísticas, apenas com a preocupação da purificação, etc., mas possuem um eco que pode muito bem ser reinterpretado numa dimensão ecológica: os soldados deveriam sempre andar com um pauzinho entre os pertences, para que quando evacuassem ao longo das marchas enterrassem as fezes (Deuteronômio 23.12-14). Quando alguém achasse um ninho de pássaros, poderia pegar os filhotes para si, mas não a mãe, impedindo a reprodução da espécie (Deuteronômio 22.6). Eram leis antigas, algumas hoje obviamente em desuso, mas que marcam uma relação de respeito à natureza e sua preservação.

Wesley, ao falar da imagem de Deus e dos resultados da queda na deterioração e perda dessa imagem em nós, faz ecoar o tema da criação. A destruição da natureza é uma consequência do pecado e, por isso mesmo, há uma necessidade de arrependimento e autoconhecimento na dimensão ecológica também. Isso se acentua para nós, tanto tempo depois dele, observando inequivocamente que, de fato, as consequências são sérias, danosas e, em alguns casos, já irreversíveis. O tema, portanto, é atual e urgente. Tem a ver com nosso caráter. Como cuidamos de nossa casa comum? O que isso fala sobre nossa santidade? Como os discípulos e discípulas fazem missão e afirmam o amor de Deus pelo mundo e o valor da natureza se não agem de modo consistente para resguardá-la dos efeitos destrutivos de nossa humanidade decaída, carente da graça de Deus?

⊙ PESSOAL E O SOCIAL: OS FRUTOS DO ARREPENDIMENTO DOS PECADOS ECOLÓGICOS

A poetisa portuguesa Sophia Andresen escreveu: “A civilização em que estamos é tão errada / que nela o pensamento se desligou da mão”. Ela dá o exemplo do rei antigo que construía seus próprios barcos e sabia arar a terra. Sua premissa é a de que uma pessoa que exerce a liderança, mas sabe realizar a tarefa pedida, é alguém mais humano, mais conectado. O pensamento desligado da mão pode abrir espaços para o desumano e para o tirânico. É preciso integrar o ser humano em si mesmo para que a natureza seja integrada à nossa visão de humanidade.

Para Wesley, as relações humanas junto ao mundo natural “devem ser modeladas por uma atitude de cuidado e responsabilidade. Como parceiros e parceiras nas obras de Deus, nós devemos defender a vida em todas as suas manifestações e zelar pela integridade da criação” (SOUZA, 2003, p. 49).

Rui de Souza Josgrillberg afirma que Wesley entendia o ser humano como um cuidador da natureza. Para o professor, o termo *stewart*, usado

no inglês, não deveria ser traduzido como mordomo ou administrador, que são traduções possíveis, mas não contemplam a conotação dada por Wesley. E exatamente por esta dimensão cuidadora, era incompatível para Wesley que os ingleses se tornassem conquistadores. Sua luta contra a escravidão e contra a exploração de outros países, povos e culturas também repousava em seu entendimento da criação como alvo do cuidado humano, na medida em que o ser humano, à imagem de Deus, deve zelar pelas obras do seu Criador.

A reciclagem doméstica não resolve o problema sozinha. A economia de água do meu banho não repercute no todo, se na minha empresa não economizo no copinho descartável. A preocupação ecológica vai do pessoal ao social. Amplificar essa percepção é que dá dimensão escatológica à ecologia também. Para nós, cristãos e cristãs metodistas, pensar isso é um desafio ao discipulado relacional e à santidade social.

Assim, quando falamos sobre a preocupação ecológica, não estamos falando apenas nas medidas domésticas de cuidar da água, do descarte do lixo ou de modos econômicos de preservar a energia. Estamos falando de nosso interesse nas políticas mundiais, de nossa percepção das comunidades ribeirinhas, indígenas, quilombolas, autóctones em todo o mundo. De formas de produção agrícola autossustentáveis, de combate ao excesso de agrotóxicos, do consumo industrial de bens não renováveis, de como as cidades se organizam, etc.

DESAFIOS ÀS PRÁTICAS ECOLÓGICAS E DE FÉ

O escopo de uma pastoral ainda é bem reduzido para todas as possibilidades que o tema nos abre. Como bispos e bispas, queremos deixar espaço para que as igrejas locais analisem suas realidades e implementem novos hábitos que levem a dimensão ecológica para a missão cotidiana.

Como forma prática de aprimorar nossa percepção, convidamos vocês a conhecer alguns projetos interessantes que podem despertar ações locais

relevantes, que impactem, até mesmo, gerações. No Brasil, existe ao menos uma centena de ONGs relevantes que pensam a atividade ecológica em conexão com escolas, projetos rurais, recuperação de nascentes, reciclagem e reuso de materiais, conservação de rios, plantação de mata ciliar, conscientização e educação em escolas, reflorestamento, etc. No *site* ecopensar.com.br, por exemplo, é possível descobrir quais as ONGs mais perto de sua localidade e realizar projetos em parceria.

Uma boa prática é também a conscientização para a diminuição de materiais como sacolas e outros derivados plásticos. Muita gente separa material para reciclagem, mas no Brasil esta atividade ainda é pouco desenvolvida. A não utilização de certos materiais pode ser mais eficaz do que a reciclagem. Além disso, estimular a prática do *upcycle*, que é o ato de reutilizar um objeto que iria para o lixo, dando a ele uma nova função. No *site* ecycle.com.br há muitas dicas de reaproveitamento, como no artesanato, por exemplo, que reaproveita potes, tampas e outros materiais para produzir decoração.

No Brasil, a relação fé e ecologia encontra um parceiro muito forte na ONG A Rocha Brasil. No *site* da instituição, é possível encontrar um coletivo de ONGs cristãs que atuam na defesa e preservação do meio ambiente. A Rocha Brasil produz lições para grupos de estudos, desenvolve projetos em parcerias com igrejas e outras organizações e divulga informações importantíssimas para o cuidado com a natureza a partir de uma perspectiva cristã.

Além disso, desafiamos cada igreja local que desenvolve projetos ou possui membros conectados e conectadas com a temática a, neste ano em especial, destacar suas ações pelos meios de comunicação da Igreja Nacional, para que possamos unir estratégias e conhecimentos. Existe uma grande riqueza que passa despercebida em nosso meio e que pode potencializar nosso discipulado, tornando-o relevante para a redenção da criação que clama, aguardando a manifestação dos filhos e filhas de Deus. Que ideias vocês podem compartilhar? Que ações podemos desenvolver a partir de cada realidade? Que denúncias proféticas devemos fazer?

CAPÍTULO 2

Ênfases missionárias

Reafirmamos para o novo período eclesialístico as seis ênfases já priorizadas pelo Colégio Episcopal. Essas ênfases são pedagógicas, estabelecendo prioridades em função da abrangência das ações missionárias que, conjugadas, colaboram para a implementação do PNM. Elas estão perfeitamente em consonância com a nossa visão de missão contida nos nossos documentos.

ÊNFASE 1: ESTIMULAR O ZELO EVANGELIZADOR NA VIDA DE CADA METODISTA E DE CADA IGREJA LOCAL.

A Igreja, em função do seu chamado divino, é sempre missionária. O fundamento da Missão é a obra reconciliadora de Jesus. Por isso, colocar esta ênfase como prioridade absoluta significa reafirmar que somente a Missão justifica a presença da Igreja no mundo.

Esta ênfase, por meio dos seus objetivos descritos a seguir, deseja gerar um crescimento quantitativo, qualitativo e orgânico na vida da Igreja Metodista. Há clareza de que o crescimento da Igreja é obra do Espírito Santo, no entanto, a expansão em todas as direções, conforme Mateus 28.18-20, “Indo, fazei discípulos”, é de nossa responsabilidade.

OBJETIVOS:

- Proclamar incessantemente o amor de Deus em Cristo Jesus, por meio de uma evangelização constante e dinâmica que se expressa nos diversos ministérios e nos grupos de discipulado;
- Fortalecer a consciência de que cada membro da Igreja é uma pessoa missionária, chamada para testemunhar a graça salvadora de Jesus Cristo;
- Oferecer formação continuada para a liderança leiga a fim de que o seu desempenho ministerial esteja de acordo com a perspectiva metodista sobre dons e ministérios;
- Intensificar a formação missionária para a membresia leiga e clériga em relação às estratégias para expansão missionária da Igreja;
- Consolidar os trabalhos missionários existentes em todos os âmbitos da Igreja (local, distrital, regional, nacional e internacional);
- Ampliar as ações missionárias;
- Expandir as fontes de arrecadação de recursos financeiros para o sustento e desenvolvimento da missão, dando continuidade às parcerias missionárias;
- Reconhecer e promover as instituições regionais de formação e capacitação missionária, nacionais e transculturais.

SUGESTÕES DE AÇÃO:

- Desenvolvimento de ações para que cada casa de discípulos/as metodistas seja um sinal visível da graça de Deus em cada rua de nossas cidades, e que a partir dela sejam formadas novas comunidades de fé nos bairros;
- Estabelecimento de parcerias missionárias em todos os âmbitos da Igreja;

- Fortalecimento e mais divulgação da campanha de oferta missionária e seus objetivos;
- Revitalização e cumprimento da prerrogativa de que o quarto domingo de cada mês deve ser dedicado ao fortalecimento da ação missionária por meio das liturgias, ofertas missionárias, aulas na Escola Dominical, etc.¹;
- Atualização periódica do mapeamento de todos os municípios do território nacional sem a presença da Igreja Metodista, para subsidiar o planejamento missionário regional e nacional;
- Elaboração do cronograma para plantação de igrejas nas cidades que ainda não possuem uma Igreja Metodista;
- Expansão das fontes de arrecadação de recursos financeiros para o sustento e desenvolvimento da ação missionária.

ÊNFASE 2: REVITALIZAR O CARISMA DOS MINISTÉRIOS LEIGO E CLÉRIGO NOS VÁRIOS ASPECTOS DA MISSÃO.

Sobre o ministério leigo:

Na história da Igreja Metodista, sempre se optou por uma eclesio-
logia embasada no sacerdócio universal de todas as pessoas crentes,
vocacionadas e enviadas para a missão. Além disso, somos uma
Igreja configurada em *Dons, Ministérios e Frutos*, e com isso reco-
loca-se diante de nós, seus membros, o conteúdo da nossa prática
ministerial: *“Todos os membros da igreja, pelo fato de pertencerem ao
povo de Deus por meio do batismo, são ministros do Evangelho, são
chamados por Deus, preparados pela Igreja para, sob a ação do Espírito
Santo, cumprir a missão, em testemunho, serviço e evangelização. [...] Afirmamos que todos/as os/as crentes são responsáveis por seus irmãos*

1 O quarto domingo missionário foi estabelecido no Plano Diretor Missionário, que se encontra nos Cânones da Igreja Metodista, 2012-2016, p. 161.

*e irmãs, devendo ministrar-se mutuamente com os diferentes dons que o Espírito concede a todo membro do corpo de Cristo*².

Sobre o ministério clérigo:

Os documentos pastorais definem explicitamente o papel do ministério ordenado na Igreja Metodista. Esse ministério tem o seu espaço bem definido na legislação da Igreja, bem como seus contornos próprios. Este Plano Nacional Missionário destaca que:

*“O ministério pastoral é entendido na visão protestante como um ministério especial chamado e preparado para zelar pela pura pregação da Palavra, ministrar corretamente os sacramentos, zelar pelas marcas essenciais da Igreja e ainda cuidar da comunidade missionária como um todo, tudo isto como um mandato da Igreja [...] O carisma pastoral não é algo individual apenas. Ele precisa de reconhecimento da Igreja e de sua integração ao carisma da Igreja como uma dimensão de sua apostolicidade. Ele é comunitário. Esse fato é assinalado de modo visível quando a Igreja ordena para o ministério pastoral. Por isso, a tradição protestante reconhece no ministério pastoral um mandato da Igreja e não apenas uma qualidade individual. No ministério pastoral, não se pode sobrepor carismas ou qualidades pessoais ao carisma ministerial da Igreja*³.

OBJETIVOS:

GERAIS

1. Fortalecer a identidade metodista na vida e missão da Igreja;

2 COLÉGIO EPISCOPAL. *Carta Pastoral Servos, Servas, Sábios, Sábias, Santos, Santas, Solidários, Solidárias*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1989, p. 20.

3 JOSGRILBERG, Rui de Souza. “A Igreja e o ministério na crise de uma sociedade de meios”, in: RENDER, H. (org.). *Vocação pastoral em debate*. São Paulo: Editeo, 2005, p. 75-76.

2. Superar possíveis tensões entre o ministério ordenado e o ministério leigo, uma vez que são complementares no ambiente de uma igreja ministerial;
3. Fortalecer a mística evangelística dos ministérios leigo e clérigo para que se intensifique o zelo evangelizador;
4. Estabelecer no Pastoreio de Pastores ações de suporte, apoio, solidariedade. E quando houver um afastamento, que sejam contemplados, por meio de orçamentos regionais, ou nacional, programas que visem ao cuidado e investimento;
5. Valorizar e incentivar o ministério feminino clérigo e leigo.

MINISTÉRIO LEIGO

6. Implementar a prática do discipulado na vida de cada leigo e leiga em consonância com as orientações da Igreja Metodista;
7. Promover programas de formação para o despertamento e fortalecimento de lideranças servas (Filipenses 2.5-11);
8. Incentivar a participação dos membros em encontros de fortalecimento da vida cristã e renovação espiritual, à luz do conselho do apóstolo Paulo em Romanos 12.1-2;
9. Promover e incentivar os grupos societários (crianças, juvenis, jovens e adultos – mulheres e homens), fortalecendo-os a fim de que sejam espaços de descoberta e desenvolvimento dos dons, ministérios e frutos de santificação imprescindíveis para a realização da missão;
10. Incentivar o surgimento de novos ministérios com a presença leiga tendo ressonância no testemunho interno e externo à comunidade;
11. Formar nossos membros da Igreja a fim de que eles possam exercer com disciplina e ousadia os atos de piedade e as obras de misericórdia;

12. Resgatar e incentivar a participação leiga na pregação da Palavra de Deus;
13. Priorizar e fortalecer o ministério diaconal como espaço de atuação para os ministérios especiais, nos atos de misericórdia;

MINISTÉRIO CLÉRIGO

14. Promover capacitação de pastoras e pastores para que possam estimular a implementação do PNM nas igrejas locais;
15. Fortalecer o ministério pastoral à luz da nossa tradição, que consiste em “zelar pela pura pregação da Palavra; ministrar corretamente os sacramentos; zelar pelas marcas essenciais da Igreja; cuidar da comunidade missionária como um todo”⁴;
16. Revitalizar a dinâmica da ação pastoral no ambiente da Igreja de Dons e Ministérios;
17. Entende-se que o tema Dons deve ser resgatado nas igrejas locais e seja abordado a partir de ênfases bíblicas, visando ao despertar dos dons a fim de que haja dinâmica dos Dons e Ministérios na vida de nossas igrejas;
18. Aprofundar o “pastoreio de pastores e pastoras”, levando-se em consideração a importância do cuidado do corpo pastoral e a preservação da sua saúde;
19. Reafirmar ao pastorado as linhas norteadoras do discipulado na vida da Igreja, a fim de que a membresia vivencie o discipulado como estilo de vida focado no ministério de Jesus Cristo;
20. Promover programas de formação para o despertar e fortalecimento de lideranças servas (Filipenses 2.5-11);

4 COLÉGIO EPISCOPAL. Carta pastoral sobre a ordem presbiteral. São Paulo: Sede nacional, 2007, p. 3. Disponível em http://www.metodista.org.br/documentos-oficiais#Cartas_pastorais. Acesso em maio de 2016.

21. Elaboração de uma carta pastoral sobre vocação ministerial, evidenciando também a participação feminina.

SUGESTÕES DE AÇÃO:

- Elaboração de uma carta pastoral sobre vocação ministerial;
- Realização de celebrações regionais para a renovação de votos do corpo pastoral⁵;
- Realização da celebração local de renovação do pacto com Deus para a membresia leiga;
- Formação continuada de membros leigos e clérigos em todas as instâncias de educação da Igreja (igrejas locais, seminários regionais e faculdades de teologia) para o serviço cristão e a implantação do projeto missionário da Igreja Metodista;
- Formações específicas para os pastores e pastoras no que diz respeito às demandas da contemporaneidade e dos desafios do fenômeno da urbanização brasileira;
- Ações de valorização do trabalho do laicato na missão da Igreja em todos os âmbitos – local, distrital, regional e nacional – para reafirmar que pessoas leigas não precisam se transformar em clérigas para o exercício de seus dons nos respectivos ministérios;
- Investimento e intensificação de ações de pastoreio e cuidado mútuo para o corpo pastoral e para a saúde emocional de sua família.

ÊNFASE 3: PROMOVER O DISCIPULADO NA PERSPECTIVA DA SALVAÇÃO, SANTIFICAÇÃO E SERVIÇO.

“O Discipulado busca, à luz do próprio Cristo, fundamentar a comunhão, a convivência, a comunicação e a formação do caráter das pessoas relacionadas com o Senhor e com sua comunidade, a Igreja, corpo vivo de Cristo.”⁶

O discipulado é compreendido como um modo de ser Igreja. Sendo assim, não é um programa para atender ao “modismo eclesialístico”. Ao contrário, mergulhando nos estudos do Evangelho, vamos perceber que o discipulado é uma condição para que as pessoas possam seguir o caminho aberto por Jesus Cristo.

Ser discípula e discípulo de Jesus é uma exigência. No início do seu ministério terreno, ele formou um grupo de discípulas e discípulos e, igualmente, preparou essas pessoas (formando uma comunidade) para viver a radicalidade do projeto do Reino de Deus, produzindo frutos de fé, misericórdia, compaixão, justiça e amor, à luz do desafio do mandamento do Senhor.

Por isso, o Evangelho de Jesus Cristo, narrado por Mateus, Marcos, Lucas e João, é a base do projeto de discipulado, ou seja, viver, perdoar, sentir, intervir e caminhar em obediência aos preceitos do Pai, como Jesus fez. No caminho do discipulado, ele confere identidade a cada discípula e discípulo. Do mesmo modo, transmite as instruções acerca dos desafios e das oportunidades para segui-lo com alegria e singeleza de coração.

O movimento wesleyano impõe uma prática do discipulado focada na salvação, na santificação e no serviço em nossa caminhada cristã. As “classes” produziram uma Igreja inserida em sua realidade utilizando

6 COLÉGIO EPISCOPAL. *Manual do Discipulado: o que é discipular? Por que discipular? Como discipular?*. Biblioteca Vida e Missão, v. 1. São Paulo: Editora Cedro, 2003, p. 17.

uma estrutura de testemunho, mútuo amparo e instrução. Elas tornaram possível o crescimento, não apenas em termos numéricos, mas em qualidade e estilo de vida pessoal e comunitário. Wesley dizia não conhecer um cristianismo que não fosse social⁷.

Nessa direção, três movimentos são conduzidos no discipulado metodista:

- a. Estilo de vida em que Cristo é o modelo, ou seja, “o caminho, a verdade e a vida” (João 14.6). Vivência à luz dos valores da fé cristã e na perspectiva do Reino de Deus;
- b. Método de pastoreio em que o pastor e a pastora dedicam maior atenção aos grupos pequenos (Células⁸, Grupos de Discipulado e afins) e promovem, dessa forma, relacionamentos fraternos, pastoreio mútuo e formação de liderança;
- c. Estratégia visando à evangelização e ao crescimento, nos termos do ensino de Jesus, enviando seus discípulos e discípulas para o cumprimento da missão (Mateus 10). A Missão da Igreja é discipuladora, mantendo-se sempre a perspectiva da salvação, santificação e serviço.

OBJETIVOS:

1. Compreender que o discipulado tem o seu nascedouro na obra redentora de Jesus Cristo, à luz da Graça Salvadora;
2. Reforçar que o discipulado metodista encontra seu conteúdo na graça santificadora, pela busca de um “estilo de vida

7 WESLEY, John. Sermão de John Wesley, n. 24: Sobre o Sermão no Monte – discurso 4. Disponível em <http://www.metodista.org.br/sermoes-de-john-wesley-disponiveis-para-download>. Acesso em maio de 2016.

8 O metodismo brasileiro entende a expressão célula como um método de evangelização, discipulado e capacitação para o serviço do Reino de Deus. Célula não é entendida como modelo eclesiológico, como alguns movimentos religiosos contemporâneos a utilizam. Para isso, o Colégio Episcopal afirma que a Igreja Metodista em terras brasileiras não é uma igreja *em* células, e sim uma igreja *com* células.

visando à perfeição cristã”, tanto para a vida pessoal como comunitária, cumprindo assim a nossa visão de “*reformatar a nação, particularmente a Igreja, e espalhar a santidade bíblica sobre toda a terra*”;

3. Ressaltar que o discipulado centrado na graça redentora de Jesus e fundamentado na santificação desembocará no serviço;
4. Fortalecer a experiência do discipulado por meio das classes wesleyanas, objetivando o crescimento espiritual, nutrição, apoio mútuo, evangelização, etc.;
5. Incentivar projetos de revitalização da experiência do discipulado cristão, a partir de retiros, grupos de oração, visando à consagração dos membros das nossas igrejas para a missão;
6. Desenvolver um estilo de vida cristã evangelizadora e produzir os frutos de uma vida santificada;
7. Fortalecer na prática do discipulado as marcas essenciais da nossa tradição wesleyana;
8. Dinamizar o testemunho do discipulado cristão como um forte enraizamento na igreja local no exercício dos dons e ministérios concedidos pelo Espírito Santo, a partir da realidade de cada comunidade;
9. Desenvolver unidade na prática do discipulado em âmbito nacional, ainda que vivamos uma diversidade e pluralidade cultural típica de um país de dimensões continentais.

SUGESTÕES DE AÇÃO:

- Elaboração de materiais educacionais, de acordo com a visão bíblica e a teologia da Igreja Metodista, a partir das boas e frutíferas experiências regionais, para a prática e desenvolvimento dos grupos de discipulado (pequenos grupos, células, etc.);
- Divulgação e produção de materiais metodistas para dar suporte doutrinário e missionário para edificação do povo de Deus.

ÊNFASE 4: FORTALECER A IDENTIDADE, CONEXIDADE E UNIDADE DA IGREJA

Falar sobre identidade metodista implica compreender **quem somos** e **por que** existimos no tempo (história) e no espaço (geográfico/social). A nossa estrutura organizacional, nossos documentos e as nossas práticas ministeriais demonstram o nosso **modo de ser Igreja**, no contexto do mundo cristão, especificamente evangélico, no Brasil.

Temos valores institucionais que definem a nossa identidade metodista:

- a. **Somos uma comunidade fundamentada na Bíblia**, pois cremos que ela é a revelação da Palavra de Deus e contém tudo quanto é necessário para a salvação, bem como para a prática do discipulado cristão;
- b. **Somos uma comunidade conciliar**, organizada nacionalmente, com relações de conexidade entre as Regiões Eclesiásticas, Regiões Missionárias, Distritos, Igrejas Locais, Campos Missionários, Pontos Missionários e Instituições Teológicas, Sociais e Educacionais em seus diversos âmbitos de atuação;
- c. **Somos uma comunidade de governo episcopal**, alicerçado no carisma pastoral da Ordem Presbiteral, guardião da doutrina e da unidade do povo metodista brasileiro;
- d. **Somos uma comunidade de discípulas e discípulos organizada em Dons e Ministérios** sob um sistema representativo no qual as diferentes instâncias de liderança e de representação têm a sua legitimidade reconhecida, forjada e oriunda das igrejas e comunidades locais.

Reconhecemos que a nossa forma de organização institucional tem fundamentos bíblicos/teológicos/missiológicos que embasam a unidade da Igreja:

1. A Oração Sacerdotal de Jesus: *“Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim”* (João 17.20-23).

2. O apelo do apóstolo Paulo à unidade da fé: *“Esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz; há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só Senhor; uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos/as, o qual está sobre todos/as, age por meio de todos/as e está em todos/as”* (Efésios 4.3-5).

OBJETIVOS:

1. Fortalecer a identidade metodista e seus valores em termos de vida e missão de cada membro leigo e clérigo;
2. Fortalecer a dimensão da conexão metodista a partir dos ministérios leigo e clérigo como *“característica fundamental e básica para a sua existência, tanto como movimento espiritual quanto como instituição eclesial”*⁹;
3. Fortalecer a unidade da Igreja a partir do testemunho pastoral: *“No essencial, unidade; no não essencial, liberdade; em tudo, caridade”*¹⁰;

9 COLÉGIO EPISCOPAL DA IGREJA METODISTA. Plano para a vida e missão, in: *Cânones da Igreja Metodista 2012-2016*. São Paulo: Sede Nacional da Igreja Metodista, 2012, p. 85.

10 Frase usada pelo Rev. John Wesley, dita pela primeira vez por Agostinho, bispo de Hipona (354 430 d.C.).

4. Fortalecer o processo comunicacional na vertente interna para proporcionar a unidade, firmar a conexidade e aprimorar a circulação de orientações e informações;
5. Implantar metodologias de trabalho para que o tema da unidade, tanto na sua forma interna quanto externa, seja discutido e destacado como responsabilidade de toda comunidade de fé com base em princípios bíblicos, teológicos e históricos a partir da visão e tradição wesleyana do século XVIII;
6. Promover estudos sobre as bases bíblico-teológicas que são referências para a Igreja Metodista sobre o tema da unidade;
7. Reafirmar a unidade como ferramenta de ruptura de disputas e o fortalecimento do diálogo como forma de aprendizado para superar a falta de unidade interna e externa da Igreja Metodista;
8. Ministras as novas cartas pastorais do Colégio Episcopal e documentos da igreja nos encontros nacional, regionais de pastoras/es, Congressos de Federações e Confederações.

SUGESTÕES DE AÇÃO:

- Organização de seminários e cursos voltados para a vida cúl-tica da Igreja Metodista: música, liturgia, símbolos litúrgicos, artes, etc., atentando para a qualidade da teologia, dinamismo, criatividade, propósito e edificação da Igreja;
- Análise da teologia dos cânticos atuais para identificação das divergências com a teologia metodista, evitando assim o desequilíbrio entre tradição e contextualização da nossa fé;
- Revitalização do uso do Hinário Evangélico e de outras canções religiosas que fazem parte da nossa história;
- Promoção de festivais de música para produção de uma hi-nologia metodista;

- Garantia de que o Expositor Cristão cumpra sempre com seu propósito de ser veículo de unidade, identidade e motivação para a missão da Igreja;
- Promoção de encontros, fóruns e debates para aprofundamento do tema da Identidade, na perspectiva de uma Igreja conciliar, conexional e de governo episcopal;
- Reelaboração, a partir do documento existente, da Pastoral do Colégio Episcopal sobre família;
- Reforço da importância da Escola Dominical como espaço de doutrinação, edificação e capacitação do povo para o cumprimento da missão, integrado plenamente ao trabalho da igreja em suas diversas ações;
- Produção de materiais para as diversas faixas etárias, para grupos pequenos, para o preparo de novos discípulos e discípulas;
- Aumento do investimento para que a distribuição de material seja cada vez mais eficiente junto às igrejas, facilitando assim o acesso aos materiais produzidos pela Igreja;
- Ações para divulgação, promoção e estudo dos temas bienais da Igreja;
- Publicação de uma cartilha com orientações para que todas as igrejas estudem os temas bienais e estabeleçam suas formas de implementação, avaliação e controle.

ÊNFASE 5: IMPLEMENTAR AÇÕES QUE ENVOLVAM A IGREJA NO CUIDADO E PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE

O exercício da ética da santidade¹¹ deve ser o princípio de toda a ação ministerial da Igreja (social, educacional, teológica e missionária).

¹¹ Vide páginas 22 a 24 desta pastoral.

Considerando-se a necessidade do cuidado, preservação e uso sustentável do meio ambiente e seus recursos naturais ameaçados por: intervenção humana, mudanças climáticas e fenômenos que têm gerado desastres naturais, sofrimento e mortes. A atuação missionária do povo metodista deve “*apoiar, incentivar e participar de iniciativas em defesa da preservação do meio ambiente*” (PVMI)¹².

Assim, cada igreja local e congregações devem promover ações que caminhem na direção da preservação de nossa biodiversidade e de um desenvolvimento sustentável, conforme o princípio da criação de Deus.

OBJETIVOS:

1. Estabelecer, a partir da Palavra de Deus e da herança teológica wesleyana, uma pauta de estudos e discussão que promova consciência ambiental, responsabilidade social e ações práticas voltadas à educação ecológica e aos processos de defesa e preservação do ecossistema;
2. Enfatizar nos documentos da Igreja, nas revistas da Escola Dominical e nos estudos bíblicos que o projeto de Deus não é individualista, mas coletivo, envolvendo toda a criação;
3. Educar cada membro metodista para que se conscientize do compromisso com o meio ambiente e se responsabilize por ações de preservação desse meio.

SUGESTÕES DE AÇÃO:

- Promoção da educação ambiental aplicável e viável ao cotidiano do povo metodista, gerando responsabilidade pessoal e comunitária em relação à preservação do meio ambiente;

12 COLÉGIO EPISCOPAL DA IGREJA METODISTA. Plano para a vida e missão, in: *Cânones da Igreja Metodista 2012-2016*. São Paulo: Sede Nacional da Igreja Metodista, 2012, p. 102.

- Desenvolvimento de um programa de educação ambiental que contemple os seguintes temas: consumo consciente, uso racional da água e da energia, combate à poluição, tratamento adequado do lixo, alimentação saudável, reciclagem, etc.;
- Apoio, incentivo e participação das iniciativas de preservação do meio ambiente; demarcação das terras indígenas e quilombolas; do combate à pesca predatória, à poluição das nascentes, mares, rios e sonora; de denúncia da falta de saneamento básico e do desmatamento.

ÊNFASE 6: PROMOVER MAIOR COMPROMETIMENTO E RESPOSTA DA IGREJA AO CLAMOR DO DESAFIO URBANO

A resposta ao clamor dos desafios urbanos é uma ação vital no PNM e, evidentemente, deverá ter linhas orientadoras para os ministérios da Igreja nos âmbitos nacional, regional, distrital e local.

O PVMI sublinha: *“Há necessidade de conhecer o bairro, a cidade, o campo, o país, o continente, o mundo e os acontecimentos que os envolvem, por que e como ocorrem e suas consequências. Isto inclui conhecer a maneira como as pessoas vivem e se organizam, são governadas e participam politicamente, e como isto pode ajudar ou atrapalhar a manifestação da vida abundante”*¹³.

E destaca ainda: *“A missão acontece quando a Igreja sai de si mesma, envolve-se com a comunidade e se torna instrumento da novidade do Reino de Deus (Mateus 4.16-24; 2.18-20). À luz do conhecimento da Palavra de Deus, em confronto com a realidade discernindo os sinais do tempo, a Igreja trabalha, anunciando os dramas e esperança do nosso povo”*¹⁴.

13 COLÉGIO EPISCOPAL DA IGREJA METODISTA. Plano para a vida e missão, in: *Cânones da Igreja Metodista 2012-2016*. São Paulo: Sede Nacional da Igreja Metodista, 2012, p. 101.

14 Idem, p. 93.

O PVMI desafia a Igreja a fazer uma leitura de conjuntura e, igualmente, estar atenta aos sinais dos tempos, a fim de que a mensagem do Evangelho tenha ressonância prática no momento histórico que vivemos. A questão urbana é de extrema importância, pois os indicadores apontam que mais de 80% da população brasileira concentra-se nas áreas urbanas¹⁵. Isso significa que o Brasil, hoje, tem a sua configuração mais urbana do que rural, e isso é um fenômeno irreversível.

Sem dúvida, a concentração urbana traz no seu bojo os mais variados problemas estruturais e, conseqüentemente, sociais. Grandes problemas afetam a população urbana em setores essenciais, como, por exemplo, saúde, educação, emprego, habitação e transporte. A dignidade do ser humano, cada dia mais, é ameaçada pela violência estrutural, conjuntural e pessoal, presente nas diversas esferas desse contexto.

Essa rápida consideração é suficiente para alertar sobre a urgente necessidade de uma evangelização que possa focar os seus olhares para a realidade urbana do nosso país, trazendo a boa notícia do amor de Deus para a realidade da cidade. Há necessidade de uma pastoral urbana marcada pelo acolhimento e pelo comprometimento com os dramas do nosso povo.

O Brasil experimenta “na pele” as rachaduras de um sistema excludente e sem acesso aos bens fundamentais para uma sobrevivência digna, em consonância com os valores do Reino de Deus. Johannes Blauw afirma que “*a obra missionária é como um par de sandálias dado à Igreja para que essa se ponha a caminho*”¹⁶. As trilhas do mundo urbano exigem uma Igreja acordada 24 horas – a fim de que a prática missionária da comunidade possa ter ressonância diante dos graves problemas sociais decorrentes do nosso crescimento desordenado.

15 Censo 2010, IBGE.

16 BLAUW, Johannes. *A natureza missionária da igreja*. São Paulo: ASTE, 1966.

Espera-se que esta ênfase missionária possa gerar nas igrejas locais um testemunho vigoroso da graça de Deus em termos de evangelização e serviço diaconal, à semelhança de Jesus: *“Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor”* (Mateus 9.36).

OBJETIVOS:

1. Estabelecer ações pastorais na perspectiva bíblica tendo como fundamento a ética cristã, os novos desafios com relação à família, orçamento doméstico, violência contra a mulher, sexualidade, racismo, xenofobia, pedofilia, erotização infantil, trabalho infantil, refugiadas/os e temas que desafiam a Igreja;
2. Estimular a criação de projetos evangelísticos na área urbana;
3. Motivar as igrejas a elaborarem projetos para o fortalecimento da vida familiar, abrindo os espaços dos lares para oração, comunhão, partilha, evangelização e serviço;
4. Incluir nos currículos das Instituições Teológicas embasamentos sobre práticas pastorais para a cultura urbana, acrescentando notadamente as estratégias do trabalho de discipulado, a partir dos grupos pequenos, células, grupos de comunhão, etc.;
5. Alertar sobre a urgente necessidade de análise das demandas que envolvem as populações rural, indígena, quilombola e também a colaboração que elas podem dar para o bem-estar e a sustentabilidade das cidades;
6. Trabalhar o PNM em nível local, distrital, regional e nacional como forma de valorizar e resgatar valores históricos e culturais segundo a sua etnia.

SUGESTÕES DE AÇÃO:

- Organização de encontros de formação para que as igrejas locais usem com mais eficiência as ferramentas de comunicação social e suas mídias;
- Despertamento vocacional e identificação de pessoas que trabalhem na área de comunicação social para que possam usar seus dons e habilidades na propagação do Evangelho diante dos desafios urbanos com que nos deparamos;
- Estabelecimento de parcerias com as instituições de educação da Igreja para colaboração mútua na propagação do Evangelho;
- Elaboração de uma pastoral sobre os desafios urbanos;
- Desenvolvimento de estratégias para o combate às drogas;
- Apoio a todas as iniciativas que preservem e valorizem a vida humana desde a perspectiva do Evangelho de Jesus Cristo.

Tema para o período eclesiástico

Para o próximo período eclesiástico (2017-2021), o tema geral permanecerá *Discípulas e discípulos nos caminhos da missão*. Assim, o Colégio Episcopal, inspirado por Deus, estabelece como desdobramentos desse tema os seguintes subtemas anuais:

**2017 – Discípulas e discípulos nos caminhos da missão:
alcançam as cidades (ênfase 6)**

**2018 – Discípulas e discípulos nos caminhos da missão:
servem com integridade (ênfase 3)**

**2019 – Discípulas e discípulos nos caminhos da missão:
cuidam do meio ambiente (ênfase 5)**

**2020 – Discípulas e discípulos nos caminhos da missão:
vivem em unidade (ênfase 4)**

**2021 – Discípulas e discípulos nos caminhos da missão:
anunciam as boas notícias da graça (ênfase 1)**

Referências

Plano Nacional Missionário 2017-2021

Plano para a Vida e Missão da Igreja

JOSGRILBERG, Rui de Souza. “A preocupação ecológica na tradição wesleyana”, in: CASTRO, Clovis Pinto de (Org.). *Meio ambiente e missão: a responsabilidade ecológica da Igreja*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2003.

SOUZA, José Carlos de. “Criação, Nova Criação e o Método Teológico na Perspectiva Wesleyana”, in: CASTRO, Clovis Pinto de (Org.). *Meio ambiente e missão: a responsabilidade ecológica da Igreja*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2003.

<https://www.tecmundo.com.br/ciencia/26199-11-animais-extintos-ha-menos-de-20-anos.htm>